

# VIOLÊNCIA CONJUGAL: um estudo comparativo entre homens e mulheres

HENRIQUE JULIANO ROSA PEREIRA<sup>1</sup>, DENISE FALCKE<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Autor, Graduando de Psicologia, UNISINOS

<sup>2</sup> Orientadora, Doutora em Psicologia, Coordenadora do PPG em Psicologia da UNISINOS



UFRGS  
PROPEAQ

XXV SIC  
Salão Iniciação Científica

CH - Ciências Humanas

## INTRODUÇÃO

O tema da violência no espaço doméstico vem conquistando a atenção no âmbito das políticas públicas e no meio científico, devido às graves consequências de sua ocorrência e a tendência ao silenciamento. A denúncia desses acontecimentos advém do movimento feminista, que, ao dar maior visibilidade à causa, reivindicava melhores condições de vida e direitos igualitários para as mulheres (Ribeiro, 2010). Nesta perspectiva, o conceito de gênero passou a ser utilizado como categoria de análise destas relações, entendendo que há uma construção histórica e social do masculino e do feminino, que se converte em uma desigualdade em favor dos homens (Santos & Izumino, 2005). Contudo, questionamentos vêm surgindo em relação a este paradigma, uma vez que o sexismo pode ser considerado como apenas um fator na violência entre casais, mostrando que os parceiros desempenham múltiplos papéis em seus relacionamentos e que a violência constitui-se em um fenômeno interacional (Harris, Palazzolo e Savage, 2012; Falcke et al, 2009; Próspero, 2007; Straus, 1990). A literatura indica que dados com população clínica evidenciam prevalência de violência contra a mulher por se referir principalmente à violência que se materializa (física ou sexual), enquanto os estudos com população não clínica remetem a uma maior mutualidade e simetria na violência conjugal, abrangendo suas diferentes formas de manifestação (Lovestad e Krantz, 2012). Sendo assim, o objetivo deste estudo foi comparar a percepção de homens e mulheres sobre a violência sofrida ou praticada contra o (a) companheiro (a).

## METODOLOGIA

Realizou-se um estudo quantitativo, com delineamento descritivo e comparativo. A amostra foi composta por 150 casais, casados oficialmente ou em união estável, residentes da região metropolitana de Porto Alegre, selecionados por conveniência. A média de idade dos participantes foi de 41,17 anos ( $dp=12,75$ ) e o tempo de união variou de 1 a 56 anos ( $m=15,76$ ,  $dp=12,06$ ). O instrumento utilizado foi a Revised Conflict Tactics Scale (CTS2), como medida de violência conjugal, nas dimensões de violência física, agressão psicológica e coerção sexual. Foram realizadas análises descritivas e teste  $t$  para amostras independentes

## REFERÊNCIAS

Falcke, Denise; Oliveira, Denise Zangonel de; Rosa, Larissa Wolff da; Bentancur, Maria. Violência conjugal: um fenômeno interacional. Contextos Clínicos, v. 2, n. 2, p. 81-90, 2009.

Harris, K. L., Palazzolo, K. E., Savage, M. W. (2012). 'I'm not sexist, but...': How ideological dilemmas reinforce sexism in talk about intimate partner violence. *Discourse & Society* 23(6) 643- 656, 2012.

Lovestad, S., Krantz, G. (2012). Men's and women's exposure and perpetration of partner violence: an epidemiological study from Sweden, *BMC Public Health*, 12: 945. doi 10.1186/1471-2458-12-945

Próspero, M. (2007). Mental Health Symptoms Among Male Victims of Partner Violence. *American Journal of Men's Health*, Vol. No. 4, 269-277, 2007. doi 10.1177/1557988306297794

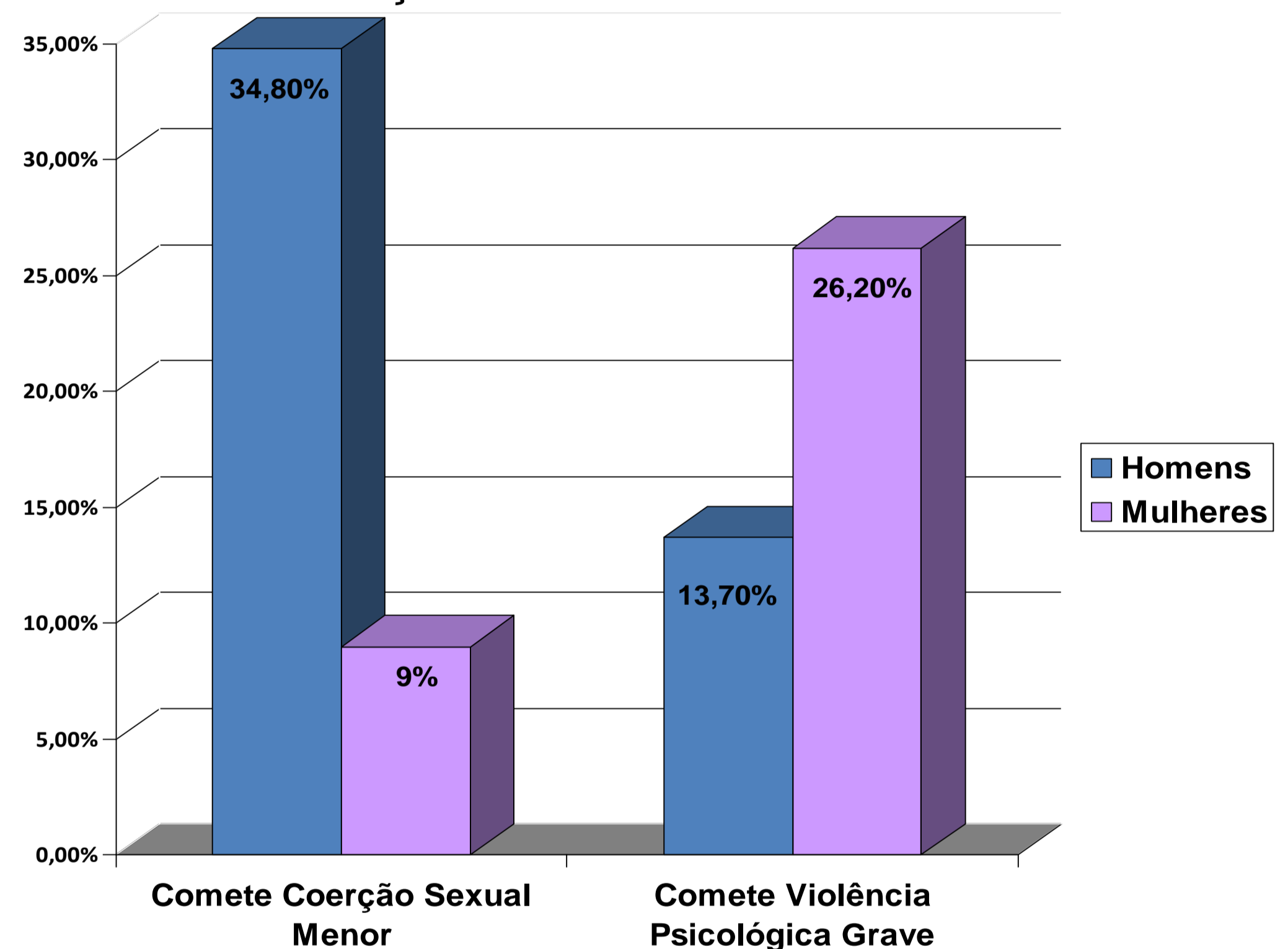
Ribeiro, M. (2010). Movimento feminista na fonte dos centros de combate à violência contra mulheres. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, 2010. Londrina, PR, Brasil.

Santos, C. M., Izumino, W. P. (2005). Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil, *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe*, 16(1).

Straus, M. A. (2008). Dominance and symmetry in partner violence by male and female university in 32 nations. *Children and Youth Services Review*, 30, 252-275.

## RESULTADOS

Com relação à violência cometida, observou-se diferença significativa somente nas dimensões de coerção sexual menor ( $t=-4,488$ ;  $p<0,001$ ), onde os homens (34,8%) referiram cometer com maior frequência do que mulheres (9%), e de violência psicológica grave ( $t=2,238$ ;  $p=0,026$ ), em que as mulheres (26,2%) indicam cometer com maior frequência do que os homens (13,7%). Não foram observadas diferenças significativas na opinião de homens e mulheres com relação à violência sofrida.



## DISCUSSÃO

Os resultados obtidos apontam que a violência tende a ser bidirecional, remetendo a uma maior mutualidade e simetria nas situações de violência conjugal do que costumam mostrar os tradicionais estudos de gênero (Lovestad e Kranz, 2012). Alguns estudos tem caracterizado que a violência por parte da mulher é tão prevalente quanto do que pelo homem na relação conjugal e o padrão mais comum é a violência bidirecional (Straus, 2008). Estas conclusões se mostram interessantes tendo em vista ajudar a desconstruir a visão unidirecional da violência conjugal como somente por parte do homem, levando conta a dinâmica conjugal e estimulando que as intervenções direcionadas a esse publico se deem com foco para ambos os sexos.



MODALIDADE  
DE BOLSA

PROBIC - FAPERGS